

RESUMO: Este artigo trata do levantamento, da descrição e da análise interpretativa de advérbios locativos em textos da sincronia atual e do período arcaico da língua portuguesa. Com base em pressupostos funcionalistas, a pesquisa focaliza questões relativas à ordenação, à polissemia, à variação e à gramaticalização desses constituintes, com foco também na concorrência dos mesmos para a caracterização discursiva das obras pesquisadas.

ABSTRACT: This paper presents a survey, description and interpretative analysis of the use of adverbs of place in texts of the current synchrony and of the archaic period of the Portuguese language. Based on the functionalism theory, the research focuses on issues related to the ordering, polysemy, variation and grammaticalization of these constituents, as well as on the competition among them for the discursive characterization of the works researched.

1. Introdução

A partir de uma variável estrutural – a ordenação, apresentamos uma análise dos advérbios pronominais locativos mais frequentes no português contemporâneo do Brasil – *aqui, aí, ali e lá* – numa abordagem histórica. Para tanto, selecionamos *corpora* do período arcaico da língua, dos séculos XII a XIV, e da fase atual, com controle do tipo de texto em ambas as sincronias.

Com base no funcionalismo norte-americano (GIVÓN, 2001; BYBEE, 2003; FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003, entre outros), pesquisamos não só os padrões de ordenação em relação ao verbo dos locativos referidos, como também atentamos para a provável polissemia que marca esses usos, no *continuum espaço > tempo > texto*, e para as trajetórias de gramaticalização verificadas, na derivação categorial *advérbio > conector* ou *advérbio > especificador*. Além da análise semântico-sintática, atentamos para o viés pragmático-discursivo desses usos, observando como questões relativas ao gênero textual (MEURER e MOTTA-ROTH, 2002) e à sequência tipológica em elaboração (MARCUSCHI, 2002) motivam a frequência e a articulação funcional desses constituintes. Entendemos, portanto, que as tendências de estabilidade, de variabilidade e de mudança na ocorrência e frequência desses constituintes podem ser motivadas não só por questões de ordem temporal, como também por fatores discursivos e cognitivos (BATORÉO, 2000).

2. A classe dos advérbios pronominais locativos

Na descrição tradicional do português, encontram-se comentários acerca da *extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios* (BECHARA, 1999, p. 288). Camara Jr. (1976, p. 123), ao identificar usos conectivos de determinados advérbios, alerta para *certas diretrizes* que devem ser *pesquisadas, descritas e classificadas* no tratamento dessa categoria, a fim de que se retire de sua abordagem a marca da arbitrariedade com que, em geral, é descrita.

Mesmo nos estudos mais recentes sobre a língua portuguesa do Brasil (ILARI et alii, 1990; NEVES, 2000; CASTILHO, 1993), a categoria adverbial é caracterizada como uma classe pouco nítida, de contornos difusos, integrada por membros muito distintos, incapazes de compartilhar certo conjunto de traços comuns.

No caso de nosso objeto específico de investigação, os advérbios pronominais locativos, a imprecisão categorial manifesta-se de modo ainda mais acentuado. Integrantes de um grupo marginal dentro de uma classe imprecisa, os locativos são classificados como itens *não-predicativos* (ILARI et alii, 1990) ou *não-modificadores* (NEVES, 2000), uma vez que tendem a não alterar ou afetar a significação do constituinte verbal, o elemento sobre o qual, via de regra, incidem. Nesse sentido, os locativos são entendidos com um tipo de advérbio mais livre e, portanto, mais autônomo, em comparação a outros, como os de modo, por

¹ Pesquisa desenvolvida no contexto acadêmico do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática –UFF*, com a colaboração das bolsistas de IC Evelyn Mendonça de Melo (Pibic) e Luciana Pomponet (Faperj).

² Para contatos: mariangela.rios@terra.com.br

exemplo. A seguir, apresentamos uma ordenação ilustrativa do comentário:

(1) *Um homem caiu nas mãos de ladrões e salteadores e fora espancado barbaramente ali, à beira do caminho.* (Um coração que seja puro)

Em (1), o locativo **ali** ordena-se após um outro, *barbaramente*, que, devido à maior participação na predicação verbal, uma vez que recorta e informa a maneira pela qual se deu o espancamento, vem logo após o SV *fora espancado*. Em termos de ordenação linear, a maior distância do locativo em relação ao SV indica a maior autonomia da referência de lugar face à de modo.

Como traços adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se revestem. Trata-se de proformas que, em geral, têm o papel adicional de elementos de coesão, a serviço da progressão informacional, seja como mecanismo anafórico ou catafórico. Em (1), **ali** é empregado cataforicamente, uma vez que, somente no SN seguinte, vamos ter preenchida a referencialidade do locativo – *à beira do caminho*. Mas é no fragmento a seguir, exemplificador de anáfora, que se ilustra a funcionalidade mais freqüente dos locativos:

(2) *Para o céu, para o alto; lá está a sua meta.* (Amor é vida)

No trecho acima, **lá** retoma coesivamente *céu* e *alto*. Assim articulado, o período se expande em forma – são três termos correferentes – e em conteúdo, pela progressão reiterativa da série assim articulada, que tem em **lá** sua síntese.

Segundo nossa perspectiva, em conformidade com a linha teórica funcionalista assumida, entendemos os advérbios pronominais locativos como constituintes de uma subclasse da classe prototípica adverbial (TAYLOR, 1995). Naquela, a partir de um eixo básico central, que leva em conta a freqüência de uso, a referência de lugar físico e a ordenação pós-verbal, cada um de nossos itens pesquisados ocupa ponto distinto na classe dos locativos, mais ou menos próximo a esse eixo nuclear. Assim, partimos da hipótese de que **ali**, por partilhar, em maior número de casos, os três traços acima referidos, apresenta-se como o locativo adverbial mais prototípico; após, encontra-se **aqui** e, um pouco mais distante, **lá**; num ponto marginal da classe dos advérbios, situa-se **aí**, item com maior tendência à polissemia, à gramaticalização e à ordenação pré-verbal.

Essa mobilidade categorial dos pronomes adverbiais fica reforçada se levarmos em conta que, via de regra, a efetiva expressão de lugar, em português, está contida no próprio constituinte verbal, como comprovam os sintagmas *vir aqui, chegar aqui, sair (d)aqui, partir (d)aqui, andar aqui*, em que as distinções situacionais se expressam pelo primeiro elemento de cada expressão. Desta forma, os pronomes locativos atuam, na verdade, como *reforço situativo-comunicativo* (BATORÉO, 2000, p. 422), em papel secundário em termos de referência locativa. Trata-se do fenômeno observado por Paiva (2003), na pesquisa de sintagmas do tipo *aí na esquina* ou *lá na escola*, nos quais, mais do que catáfora, observa a autora um caso de *superespecificação* situacional (p. 133). Segundo nossa interpretação, já não se trata sequer de estratégia de ênfase, de acúmulo de informação espacial, uma vez que os locativos, em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referência básica, papel cumprido mais efetivamente, nessas estruturas, pelo termo nominal subsequente.

Assim, da expressão dêitica, localista, externa, podem esses advérbios assumir sentidos menos concretos, no nível exofórico, e, já em plano textual, atuar na articulação de referência endofórica, em função anafórica, mais comumente, ou catafórica. Conforme prevê o processo de gramaticalização (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003), a partir desses papéis textuais, alguns advérbios, em avançado estágio de polissemia, migram para outras classes, como a dos conectores ou operadores, ou ainda a dos especificadores ou clíticos.

Observamos que a localização na classe dos advérbios e a tendência à polissemia e gramaticalização dos locativos são dependentes de alguns fatores. Um deles está ligado à freqüência de uso: itens mais recorrentes tendem a certo *desgaste* ou *perda de valor informacional* (DAHL, 2001); por outro lado, essa perda de conteúdo referencial é compensada por ganho de conteúdo gramatical. Assim, **aí** e **lá**, locativos muito recorrentes na expressão do português, de modo mais contundente estão propensos a, uma vez desgastados no trato lingüístico, passarem a assumir papel mais gramatical, migrando para classes menos lexicalizadas, como a dos elementos de conexão, como em *eu cheguei, aí ele saiu*, ou a dos clíticos, do tipo *um sujeito lá, alguém aí*.

Outro fator interveniente na migração categorial dos locativos diz respeito à *granulidade*, termo

oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000, p. 439), que *define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos*. Segundo esse entendimento, os locativos podem ser distribuídos pelos dois subsistemas de granularidade – vasta ou fina/estreita. No português do Brasil, do primeiro subsistema, é usado regularmente **lá**, que traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional; assim, sua polissemia e conseqüente gramaticalização em expressões regulares como *seja lá, vá lá* ou *(um) cara lá* podem ser interpretadas como resultado da vasta granularidade que lhe é característica. Em alguns casos, devido, talvez, à sua maior imprecisão semântica, o locativo tende a expressar negação, como no sintagma *sei lá, quero lá* (*fazer algo*).

Por outro lado, a tríade **aqui, aí, ali** participa do subsistema de granularidade fina ou estreita, pois a localização, nestes casos, é referida com maior pontualidade e precisão. Dos três itens, os usuários tendem a trabalhar com o par dicotômico **aqui** x **ali**, na referência ao que está mais próximo ou distante, respectivamente, do emissor, conforme o sistema conceptual egocêntrico do português. Provavelmente por conta dessa característica de uso, **aqui** e **ali**, este último muito recorrente, são os termos menos propícios à polissemia e gramaticalização comparados aos outros dois – **aí** e **lá**. Hipotetizamos que, com a adoção desse binarismo referencial, o locativo **aí**, na articulação de distanciamento relativo, fica disponível para, em posição pré-verbal, e não raro pré-oracional, assumir sentido mais abstrato, migrando, em muitos casos, para a classe dos juntores – conectivos ou operadores.

Num outro viés analítico, ao comparar paradigmas pronominais demonstrativos de diferentes línguas, Jungbluth (2001) defende que o português do Brasil, em seu uso popular, tende a reconstituir a tríade dêtica por intermédio da formação de sintagmas em torno dos advérbios pronominais locativos. Assim, o binarismo do par *esse* x *aquele* seria recomposto na tríade: *esse aqui* – *esse aí* – *aquele lá*. De acordo com a perspectiva funcional por nós adotada, poderíamos dizer que se trata de estratégias retóricas, de tom enfático, próprias da modalidade falada, no âmbito do discurso, que atuam como formas compensadoras da perda de informatividade ou possível imprecisão das formas *esse* e *aquele*. De acordo com Dahl (2001), com tal procedimento, num mecanismo contrário à chamada “economia verbal”, os usuários “inflacionam” o dizer, com maior quantidade de forma como garantia para sentidos desgastados, devido à alta freqüência de uso. É possível ainda relacionar a estratégia ao subprincípio icônico da quantidade (GIVÓN, 2001), segundo o qual conteúdos proeminentes ou mais relevantes são veiculados por formas mais extensas, com maior quantidade de expressão.

3. Procedimentos metodológicos

Adotamos e combinamos procedimentos metodológicos distintos. Por um lado, levantamos e examinamos padrões diversos referentes à colocação dos advérbios locativos, ou seja, o conjunto de possibilidades que constituem *camadas*, no sentido de Hopper (1991). Por outro lado, analisamos a polissemia que caracteriza o uso desses advérbios, dando atenção ao princípio de gramaticização que Hopper (1991) chamou de *divergência*. Observar dois aspectos de natureza distinta, portanto, nos levou a adotar dois procedimentos metodológicos: um, de caráter quantitativo e qualitativo, para lidar com as diferentes *camadas*; outro, essencialmente qualitativo, para interpretar os fenômenos referentes ao princípio de *divergência*.

Assim, partimos da ordenação como nossa variável fundamental, porém interrelacionada a outras, como tipo de texto, seqüência tipológica em articulação, referenciação do locativo, etc. Decidimos ainda não aplicar pacotes computacionais para levantamento estatístico. Partimos, pois, dos seguintes tipos específicos de ordenação, conforme se encontra em Silva e Silva (2002):

POSICÕES DO ADVÉRBIO NA ORAÇÃO				
PRÉ-VERBAL			PÓS-VERBAL	
P1	P2	P3	P4	P5
Suj / Adv / V	Adv / V	Adv / X / V	V / Adv	V / X / Adv

Para que se compreenda a natureza exata das posições consideradas, deve-se levar em conta o seguinte:

- a) **V** é o verbo, ou seja, o escopo, com o qual o advérbio tende a se relacionar;
- b) **X** é qualquer elemento lingüístico que possa ocorrer entre o advérbio e o seu escopo, e vice-versa. É importante frisar que não são considerados como **X** advérbios que se referem a outro advérbio, como, por exemplo, o advérbio *bem* no sintagma *bem ali*, assim como os clíticos, que, por sua natureza, ocorrem sempre mais perto do verbo do que o advérbio.
- c) A presença de preposições, conjunções e pronomes relativos também não é considerada importante para a análise dessas posições. Portanto, cláusulas principais e subordinadas (iniciadas por conectivo) são distribuídas indistintamente pelas posições acima enumeradas.

Na pesquisa dos advérbios pronominais locativos, a partir da variável acima descrita, foram fixadas outras variáveis, abaixo discriminadas:

- a. Sincronia: distinção entre dados/textos da fase arcaica e da fase contemporânea;
- b. Tipo de texto: diferença de natureza discursiva dos materiais em análise – religioso, biográfico ou carta;
- c. Seqüência tipológica em que se insere o locativo: se descritiva, injuntiva, expositiva, narrativa ou dissertativa/argumentativa;
- d. Tipo de verbo escopado pelo locativo: se de atividade física, atividade mental/intelectual, existencial ou modal;
- e. Estrutura da oração em que se insere o locativo: SVC, VSC, CVS, SCV, VCS, SV, CV, VC, VS ou V; em que C pode representar um complemento verbal ou nominal, além de predicativo do sujeito;
- g. Referenciação: se física concreta, física virtual, abstrata temporal ou abstrata textual;
- h. Função do locativo: papel argumental, adjuntivo ou juntivo.

Como se observa, selecionamos variáveis capazes de permitir a análise de aspectos de natureza discursiva, como tipo de texto e seqüência tipológica, e gramatical, na observação de padrões sintáticos (estrutura da oração e posição do advérbio na oração) e semânticos (tipo de verbo escopado e referenciação).

4. *Corpora* de pesquisa

Como já mencionado, selecionamos materiais da fase contemporânea da língua escrita no Brasil e textos da fase arcaica, na comparabilidade das duas etapas de tais usos lingüísticos. Na seleção dos materiais, controlamos a variável “tipo de texto”, em atendimento às características pragmático-discursivas dessas fontes. Partimos do princípio de que marcas e traços específicos de gênero e de seqüência tipológica da oração motivam a seleção, a freqüência e a funcionalidade dos constituintes lingüísticos, entre os quais se situam nossos objetivos de pesquisa.

De acordo com tal orientação, selecionamos como primeiro grupo de fontes textos de doutrinação religiosa cristã, que, conforme Orlandi (1987, p. 243), identificam-se como aqueles em que *fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu*.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 24), o discurso religioso é um tipo de *domínio discursivo*, uma vez que não é o texto propriamente dito, mas uma prática discursiva que origina gêneros textuais. Assim, os materiais aqui analisados, enquanto manifestações do discurso religioso, constituem um gênero mais específico: trata-se de obras voltadas para a doutrinação, escritas para a evangelização de jovens e adultos. De acordo com tal perspectiva, essas fontes conjugam o sagrado (todo o capital simbólico da Igreja, seus dogmas, sua tradição) com o social (a proposta de salvação pela palavra divina, a sua missão).

Usamos como *corpora* de doutrinação religiosa as seguintes obras: a) do português contemporâneo: *Tocar o Senhor; Um coração que seja puro; Amor é vida e Corações curados*; b) do português arcaico: *Orto do esposo*, texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV, em edição de Bertil Maler, de 1956, e a *Bíblia medieval portuguesa*, texto apurado por Serafim da Silva Neto, de 1958. As obras da sincronia atual foram escritas por religiosos com intensa atuação junto a suas comunidades (Padre Zezinho, Frei Anselmo Fracasso, entre outros). Das duas obras arcaicas, trabalhamos com as 200 primeiras páginas de cada uma, a fim de garantir a comparabilidade de tamanho ou extensão destas fontes com as correspondentes atuais, já que os materiais contemporâneos têm cerca de 100 páginas por livro; assim, levantamos exaustivamente em torno de 400 páginas de fontes representativas do português atual e 400 de obras arcaicas.

Outro gênero de texto pesquisado foi o do tipo “carta”. Esse gênero revela características ideológicas pessoais de seu autor, tais como: crenças, conceitos, valores, propósito discursivo, por exemplo, bem como

aspectos que dizem respeito aos fatores contextuais, relativos ao ambiente histórico-social, que o influenciaram, de alguma maneira, ao elaborar o texto.

Para o português contemporâneo, selecionamos cartas dos leitores publicadas nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e nas revistas *IstoÉ*, *Veja*, *Época* e *IstoÉ Gente*, no período de dezembro de 2003 a maio de 2004. Trata-se de um espaço destinado aos leitores para que possam expressar suas vozes individuais em fórum público em relação a um artigo publicado ou a um acontecimento sócio-político, entre outros. A linguagem utilizada nessas fontes permite, portanto, veicular significados que vão além do efeito comunicativo imediato, podendo ser utilizada pelos leitores/escritores como um instrumento de manipulação, ou seja, o leitor/escritor tenta persuadir, de maneira consciente ou não, a opinião pública ou outro leitor.

Como fonte representativa do português arcaico, usamos a Carta de Caminha - o minucioso e representativo documento que dá conta da descoberta Brasil pela esquadra de Cabral, datado de 1500. A Carta de Caminha constitui um texto narrativo-descritivo que contém informações e pormenores sobre a viagem até o Brasil e a estadia nesse país. Levantamos exaustivamente dados da edição da Série Diachronica, com reprodução fac-similar e leitura justalinear (CUNHA, CAMBRAIA e MEGALE, 1999).

Mesmo considerando as especificidades pragmático-discursivas desse documento em relação a seus correspondentes do português contemporâneo (cartas de leitores), não só em termos de sincronia, como também de escritor, de leitor e dos propósitos comunicativos, incluímos a Carta de Caminha no conjunto do gênero “carta”. Na abordagem qualitativa dos dados, as condições discursivas desse documento são consideradas.

5. Análise de dados

Com base nos três tipos de texto contemplados na pesquisa, apresentamos, a partir de agora, os dados relativos ao levantamento exaustivo dessas fontes e comentários analíticos acerca de tal levantamento.

5.1. Textos religiosos

Para os textos de doutrinação religiosa cristã, temos os seguintes resultados:

Tabela 1: Tipos de ordenação de locativos em textos religiosos atuais:

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXA	
(d)ai	1	16	11	19	3	50
(d)ali	1	18	12	43	10	84
aqui	5	5	8	22	1	41
lá	-	11	5	12	6	34
Total	7	50	36	96	20	209

Tabela 2: Tipos de ordenação de locativos em textos religiosos arcaicos:

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXA	
(d)ai	-	57	-	118	1	176
(d)ali	-	114	26	108	11	259
aqui	-	15	19	42	10	86
lá	1	6	-	31	-	38
Total	1	192	45	299	22	559

Comparadas as duas tabelas, algumas tendências podem ser apontadas. A primeira delas é a marca da variabilidade nos tipos de ordenação de advérbios locativos nas duas sincronias pesquisadas. Tanto na fase contemporânea do português quanto na arcaica, registra-se a diversidade de ordenações possíveis para esses itens; todos os cinco tipos de ordenação – P1, P2, P3, P4 e P5 – foram registrados nas duas sincronias. Porém, das cinco posições levantadas, P4 figura como a mais recorrente, representando 96 das 209 ordenações da Tabela 1 e 299 das 559 da Tabela 2, como em:

(3) *Assim, nossa oração será a somatória do que falamos e do que vivemos . Nascem **daí** a convicção e o testemunho.* (Corações curados)

(4) *E perguntarom quatro centos profetas, se hyria pelegar pola cydade de Ramot, ... e dysse entom Rey Josaphat: nom ha **aqui** algum profeta de Deus?* (Bíblia medieval portuguesa)

Em (3) e (4), o locativo coloca-se imediatamente após o verbo, afetando a maior vinculação deste constituinte com seus complementos. Esses dados são significativos, uma vez que, com verbos transitivos, esperávamos que as posições contíguas a estes constituintes fossem ocupadas por seus argumentos. Trata-se, na verdade, de um resultado que contraria a hipótese segundo a qual os locativos, por não participarem prototipicamente da predicação verbal, tenderiam a ficar estruturalmente mais afastados do verbo. A baixa frequência de P5, ilustrada a seguir, que registra a posição pós-verbal do locativo após inserção de outro(s) constituinte(s), é outro indicativo da tendência aqui comentada:

(6) *E entom põe-sse sobre aquellas uergas delgadas que estão ajudadas e acende-sse o fogo e ellas e queyma-se ella **aly** toda.* (Orto do esposo)

(7) *Muitos anos mais tarde o mesmo gênio maléfico tornou a passar pelo local onde outrora cometera o bárbaro crime. Assombrou-se com a transformação **ali** operada.* (Amor é vida)

Outro ponto comum às duas tabelas é a baixa frequência de P1, na demonstração de que, pela alta vinculação semântico-sintática entre o sujeito e o verbo, muito raramente o locativo poderá ordenar-se antes do verbo quando houver a presença do sujeito. Segundo Pagotto (1999), P1 passou, do século XIX em diante, a ser praticamente uma posição cancelada para os advérbios; antes desse período, tratava-se de uma ordenação disponível. Os dados que levantamos confirmam o traço esporádico e raro de P1, por outro lado, levantamos mais dados dessa posição no português contemporâneo (Tabela 1) do que no arcaico (Tabela 2):

(8) *O lago é o mesmo e, em ambas as ocasiões, a situação é a mesma: uma pescaria frustrada. Jesus, também **aqui**, aparece como um desconhecido.* (Tocar o Senhor)

Para dar conta desse resultado aparentemente contraditório em relação à hipótese acima mencionada, estamos observando os fatores pragmático-discursivos dos textos em análise. Assim, o tom didático e enfático de algumas passagens, como a ilustrada em (8), em que o autor chama a atenção do leitor para as aparições de Jesus como um desconhecido, próprias do tipo de texto religioso em análise, motivariam algumas ordenações P1, consideradas não prototípicas no português contemporâneo.

Na comparabilidade das duas tabelas, entre os resultados contrastivos, podemos observar a maior tendência, nos dias de hoje, para **ali** situar-se em P4, ordenando-se imediatamente após o verbo. Na Tabela 2, esse locativo ainda apresenta, de suas 259 ocorrências, 140 em posição pré-verbal, contra 119 pós-verbal. No português contemporâneo, inverte-se essa tendência – dos 84 registros, 53 situam-se após o verbo. Trata-se, portanto, segundo nossa hipótese, de números que registram a trajetória de ordenação mais regular dos advérbios.

De outra forma, ainda na linha das distinções apontadas pelas Tabelas 1 e 2, encontram-se as ordenações de **aí**, revelando um percurso inverso. Na fase arcaica, este advérbio, dos 176 registros levantados, totaliza 119 dados em P4, como se encontra em (9):

(9) *E porẽ nõ se deue o homẽ gloriar por auer o sentido do cheyro sãõ e forte nõ os outros sintidos corporaaes, pois que lhe som mais danossos que proueytosos e ha **hy** tantos proueytos ãna perda delles* (Orto do esposo)

Uma das motivações para o incremento da posição P4 nos textos da fase arcaica é a grande ocorrência da construção *ha hy*. Conforme Erman e Warren (2000), trata-se de uma *unidade pré-fabricada*, uma construção formulaica e fortemente integrada em termos semântico-sintáticos, que, nos textos religiosos pesquisados, cumpre o papel de, notadamente em seqüências expositivas, como a ilustrada em (9), articular comentários em torno de preceitos ou recomendações da doutrina cristã.

Na fase atual da língua, como revelado na Tabela 1, o locativo **aí** distribui-se de modo mais variável, com registros de todas as cinco ordenações pesquisadas. A tendência para as posições pré-verbais, notadamente P2, nessa sincronia, confirma o processo de gramaticalização *advérbio > conector* por que vem passando esse constituinte. São comuns, no português contemporâneo, usos como o ilustrado em (10):

(10) *Quando conseguem entender que fazer sexo é uma coisa e fazer amor é outra, a primeira coisa de que se descartam é das suas idéias de amor livre. E **aí** começam a ser puros de novo.* (Um coração que seja puro)

São também as seqüências tipológicas do tipo expositivo as motivadoras dos usos de **aí** como o articulado acima. Em construções como (10), parece que estamos diante de um constituinte extremamente híbrido ou marginal, tanto em termos semânticos (seu sentido é temporal ou lógico – conclusivo ou seqüencial?) quanto em termos categoriais (é um advérbio ou um conector?). Em situações desse tipo, conforme a proposta teórica que nos orienta, consideramos que se trata de caso de trajetória de gramaticalização, em que há superposição de sentidos e classes, que se acumulam de modo a não permitir uma clara determinação de suas fronteiras.

5.2. Textos de cartas

As tabelas a seguir trazem o levantamento dos locativos nas cartas pesquisadas:

Tabela 3: **Tipos de ordenação de locativos em cartas de leitores:**

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXA	
(d)aí	1	9	6	11	3	30
(d)ali	0	6	1	2	2	11
Aqui	2	2	6	10	8	28
Lá	3	4	4	16	2	29
Total	6	21	17	39	15	98

Tabela 4: Tipos de ordenação de locativos na Carta de Caminha:

Locat.	Posições pré-verbais			Posições pós-verbais		TOTAL
	P1 SAV	P2 AV	P3 AXV	P4 VA	P5 VXA	
(d)ai	-	7	-	9	1	17
(d)ali	-	26	6	12	1	45
Aqui	-	9	5	12	2	28
Lá	-	5	-	14	-	19
Total	-	47	11	47	4	109

Tal como constatamos nas Tabelas 1 e 2, nas cartas pesquisadas, em ambas as sincronias, os dados apontam variabilidade na ordenação dos advérbios locativos. Na Carta de Caminha (Tabela 4), P2 e P4 encontram-se com 47 registros, por conta da maior ocorrência de **ali** na posição P2, marca também apontada pela Tabela 2, ratificando a tendência, no português arcaico, da maior instabilidade de ordenação desse locativo:

(11) *e aatera atera davera cruz. Mandou lamçar op rumo acharam xxb braças e ao sol posto obra de bj legoas de tera surgimos amcoras em xix braças amcorajem limpa. aly jouuemos todaaquela noute. e aaquimta feira pola manhaã fezemos vella e segujmos dir^{tos} aaterra eos naujos pequenos diãte himdo per xbij xbj xb xiiij xix x* (Carta de Caminha)

Também como verificado nos textos religiosos, a posição P1 ocorre na fase contemporânea da língua, em oposição à falta desse registro no período arcaico. Conforme nossa proposta já referida para esse tipo de achado, consideramos, mais uma vez, as condições pragmático-discursivas como motivadoras dessa esporádica construção. Vejamos (12), abaixo:

(12) *Como pode o bandido Eduíno Eustáquio, homem violento, estuprador e condenado a 26 anos de cadeia, conseguir, após sete anos de detenção, uma autorização judicial para visitar a mãe e desaparecer? O resultado ai está. Que venha urgente o controle externo do judiciário.* (O Globo)

Após a exposição de um fato grave, ocorrido com um bandido, o leitor, com a articulação de **ai** em P1, cria as condições para expor sua tese – a necessidade urgente do controle do poder judiciário. Com a declaração de que *O resultado ai está*, o leitor abre espaço para sua efetiva opinião.

Em relação a **ai**, as cartas de leitores, como também foi verificado nos textos religiosos atuais, apontam o aumento da ordenação pré-verbal (P2 e P3), na demonstração da trajetória de gramaticalização desse constituinte como partícula conectiva:

(13) *Lula emperrou parte da nossa história com bravatas que, ainda bem, não coloca em prática agora que é o dono da bola. Cabe a questão: Lula acredita no que prega? Se sim, o nosso presidente padece de algum mal que simplesmente o leva a dissociar sua retórica das suas ações. Se não, bem, ai a gravidade é óbvia.* (Folha de São Paulo)

Ao discutir acerca da credibilidade do presidente Lula, o leitor da Folha, no trecho final de sua carta, articula, em P3, o advérbio. Neste contexto, adquire o constituinte sentido mais textual, na articulação da relação lógica de conclusão/consequência, enfatizada pela anteposição de *bem*.

Acerca do aumento de frequência de ordenações pré-verbais, observamos, no cotejo das Tabelas 3 e 4, os índices de **lá**. Ao atentarmos para os trechos levantados, numa análise de ordem qualitativa, destacam-se usos não prototípicos, em que a vasta granularidade desse advérbio motiva, em contextos mais informais como as cartas de leitores, a instauração de sentido negativo ou indeterminado, tal como:

(14) *Mais um pouco e se tornará inviável a conclusão da obra a tempo de dispormos desse serviço durante os Jogos Pan-Americanos. E sem o metrô no Pan, lá se vai a Olimpíada de 2012.* (O Globo)

Em (14), na crítica à morosidade das obras para os Jogos Pan-Americanos de 2007, o leitor informa sobre o comprometimento dessa situação em termos do projeto de o Brasil sediar uma olimpíada. Para dizer da falta de perspectiva dessa proposta maior, ele usa a construção *lá se vai*, na indicação da ausência de rota, de visibilidade para a realização de tal intento.

6. Algumas generalizações

Nossa pesquisa tem demonstrado que o gênero discursivo motiva a seleção e a frequência nos usos adverbiais locativos. Por outro lado, distintos gêneros, como o didático religioso e as cartas, aqui trabalhados, apontam para tendências mais gerais em termos de continuidade, de variabilidade e de continuidade nesses usos.

Entre essas tendências genéricas, podemos observar que os advérbios **aqui**, **aí**, **ali** e **lá** situam-se em posições distintas na prototípica classe dos advérbios pronominais locativos (TAYLOR, 1995); assim, **ali** e **aqui** apresentam usos mais próximos ao eixo central da referida categoria, enquanto **lá** e **aí** tendem a se situar em pontos mais marginais da classe.

Os dados em análise confirmam que a função prototípica do pronome adverbial locativo apresenta como traços básicos a referência física concreta e a ordenação imediatamente após o verbo no português contemporâneo, articulando, em geral, seqüências tipológicas narrativas (MARCUSCHI, 2002), em papel adjuntivo; os advérbios **aqui** e **ali**, via de regra, assim se comportam. Já os advérbios **lá** e **aí**, embora funcionem também como advérbios, passam a mostrar, em relação ao período arcaico, novos usos, como conector; nesse caso, a referência espacial apresenta-se mais abstratizada, podendo assumir sentido de lugar virtual, temporal ou textual, na articulação de relações de seqüência, conseqüência ou conclusão, entre outras.

7. Referências bibliográficas

BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

BYBEE, Joan e HOPPER, Paul (org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Company, 2001.

CÂMARA, Jr, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CASTILHO, Ataliba. 1993. Os mostrativos no português falado. IN: CASTILHO, A. (org) *Gramática do português falado: as abordagens*. Vol. III. São Paulo: Ed. da UNICAMP, p. 119-147, 1993.

CUNHA, Antônio Geraldo, CAMBRAIA, César e MEGALE, Heitor. (org). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Humanitas, 1999.

DAHL, O. Inflationary effects in language and elsewhere. IN: BYBEE, J. e HOPPER, P. (org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company, p. 471-480, 2001.

ERMAN, Britt. e WARREN, Beatrice. The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62, 2000.

- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, OLIVEIRA, Mariangela e MARTELOTTA, Mário (org) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, Talmy *Syntax: an introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HOPPER, Paul On some principles of grammaticalization. IN: TRAUGOTT, E. e HEINE, B. (ed). *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. Amsterdam: Benjamins, p. 17-35, 1991
- ILARI, R. et alii Considerações sobre a posição dos advérbios. IN: CASTILHO, A. (org) *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. 1. São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, p. 63-141, 1990.
- JUNGBLUTH, Konstanze. Binary and ternary deictic systems in speech and writing. IN: *Philologie am Netz* 15, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, Angela, MACHADO, Anna e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2002.
- MEURER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée (org) 2002 *Gêneros textuais*. Bauru: Ed. da Univ. do Sagrado Coração
- NEVES, Maria Helena. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo, Pontes, 1987.
- PAIVA, Maria da Conceição. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. IN: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 132-143, 2003.
- PAGOTTO, Emílio. *Posição dos advérbios*. Via correio eletrônico: gozze@cce.ufsc.br, 1999.
- SILVA e SILVA, Edna. *As tendências de ordenação do advérbio “mal”: uma abordagem diacrônica*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2002.
- TAYLOR, John *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.